

## IMAGENS DA MULHER CONTEMPORÂNEA PRODUZIDAS NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

Silvana Nascimento Lianda<sup>1</sup>

Jailma dos Santos Pedreira Moreira<sup>2</sup>

*Resumo:* O presente texto tem por objetivo refletir acerca das imagens da mulher, na contemporaneidade, identificadas nas crônicas da escritora Martha Medeiros, considerando, inclusive, os relatos de si também expressos em seus textos. Para tal, foram discutidos de forma breve: os espaços de construção da escritora, a relação entre a escrita feminina e a escrita de si e os relatos sobre o cotidiano feminino contemporâneo narrado por Martha Medeiros. As crônicas utilizadas como base foram extraídas do livro *Doidas e Santas*, da referida escritora, publicado em 2010. Já o referencial teórico empregado foi composto por: Ívia Alves, Zilda de Oliveira Freitas, Rita Terezinha Schmidt e Michel Foucault.

*Palavras-chave:* Mulher. Crônicas. Martha Medeiros.

### A ESCRITORA E SEUS ESPAÇOS DE CONSTRUÇÃO

A escritora Martha Medeiros, gaúcha de Porto Alegre, formada em publicidade, mas reconhecida por suas crônicas, versa entre a escrita de poesia, romances, novelas e crônicas. Iniciou sua carreira como escritora através da produção de poesias, mas passou a escrever crônicas para colunas semanais dos jornais O Globo e Zero Hora e foi a partir de então que sua carreira literária deslanchou. Com mais de 25 anos de profissão como escritora, milhares de livros vendidos e adaptações de suas histórias para o teatro e o cinema, Martha Medeiros viu o alcance de seus textos ir se ampliando, atingindo públicos diversos. Nesse sentido, a escritora relata que viver da produção escrita nunca foi uma pretensão, um desejo, embora tenha se tornado sua profissão.

Em suas crônicas Martha Medeiros utiliza temáticas do cotidiano, qualquer acontecimento parece ser possível material para o seu texto. Mesmo fatos aparentemente banais são retratados pela escritora que os observa, analisa, estuda, opina, independente de serem acontecimentos agradáveis ou não, aos quais ela se mostre favorável ou não. O dia a dia das pessoas, portanto, funciona como a matéria prima para seus textos, bem como acontecimentos ligados à música, ao cinema, à literatura, às artes no geral. Se há um lançamento, uma polêmica, uma divergência de opiniões, um indício de novidade ou embate, é muito provável que a crônica do momento o relate, represente, discuta.

Seus textos são divulgados através da internet, sendo as redes sociais e os blogs um verdadeiro veículo de sua produção. No entanto, Martha Medeiros em entrevista a Gustavo Ranieri, em 2013,

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus II. Endereço eletrônico: sil\_lianda@hotmail.com.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (UNEB) – Campus II. Endereço eletrônico: jailmapedreira@uol.com.br.

relata a grande exposição de seus textos na internet como a parte negativa do seu trabalho, o fator que a perturba, uma vez que a partir dessa exposição ela perde o controle sobre os próprios textos e muitos deles terminam sendo adulterados. Diante disso, afirma que preferiria ter menos leitores, mas que lessem seus textos apenas no jornal e nos livros.

## **A ESCRITA FEMININA E A ESCRITA DE SI**

Em entrevista à Revista da Cultura, em 2013, Martha Medeiros explica que tenta entender a si própria por meio do que escreve, mas que por alguma razão os textos criam empatia e as pessoas acabam querendo sugar dela mais do que podem. Acrescenta ainda que as pessoas olham e dizem: “Martha, tu é tão bem resolvida”, ao que ela responde que é muito fácil ser bem resolvida por escrito porque reescreve em outro dia, faz uma faxina no texto, repensa, mas que também se atrapalha na vida como todo mundo. Comenta, por outro lado, sobre a realização que sente ao receber várias mensagens de leitores que afirmam: “o primeiro livro que li foi o teu e, a partir daí, comecei a me interessar por outros autores”.

No que se refere à relação entre as crônicas e as vivências da escritora, seus textos são relatos de suas experiências. Assim, considerando a exclusão histórica das mulheres no que se refere à produção literária, pode-se afirmar que Martha Medeiros contribui para a ampliação desse campo, principalmente por considerar vários aspectos do cotidiano feminino em suas crônicas. Nesse sentido, os relatos de suas experiências dão visibilidade às experiências cotidianas de tantas outras mulheres que não puderam transcrevê-los. A respeito do poder político expresso pela literatura, Rita Schmidt ressalta a presença da mulher nesse espaço dos discursos:

Falar sobre a instituição “literatura” e a presença da mulher no espaço dos discursos e saberes é, pois, um ato político, pois remete às relações de poder inscritas nas práticas sociais e discursivas de uma cultura que se imaginou e se construiu a partir do ponto de vista normativo masculino, projetando o seu outro na imagem negativa do feminino. (SCHMIDT, 1995, p. 185)

Acerca do poder desse discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita e, conseqüentemente, dos meios de cerceamento que o envolvem, Michel Foucault destaca o que há de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente, alertando para onde está o perigo:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade [...] Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o

direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (FOUCAULT, 1998, p. 8-9)

Assim, Foucault discute que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual se quer apoderar. Esse discurso como o pronunciado ou escrito, quando alcançado pelas mulheres, segundo Zilda Freitas (2002, p. 119), funcionou como muito mais que uma simples transgressão das leis que lhes proibiam o acesso à criação artística, foi um território liberado, uma saída secreta da clausura da linguagem e de um pensamento masculino que as pensava e descrevia, um registro escrito do inconformismo da mulher àquelas leis, uma vez que entre o público e o privado a mulher que escreve estabelece seu mundo imaginário, procurando dizer de si mesma aos outros e propondo maneiras inovadoras de estar e de fazer. E ainda ressalta:

As mulheres, atualmente, escrevem também por todas aquelas que nos séculos anteriores e mesmo hoje em dia, em culturas mais restritivas, são silenciadas. A meu ver, a escrita feminina é justamente este livre expressar-se do universo feminino, paralelo ao masculino, sem imitá-lo, mas também sem desconhecê-lo. (FREITAS, 2002, p. 122)

Rita Schmidt (1995) afirma, por sua vez, que a literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escrita, uma vez que quando se usa a expressão “escrita feminina” quer-se referir ao texto de autoria feminina escrito do ponto de vista da mulher e em função de representação particularizada e especificada no eixo da diferença. Nesse sentido, relata que ultrapassados os preconceitos e tabus com relação ao potencial criativo feminino, a literatura feita por mulheres hoje se engaja num processo de reconstrução da categoria mulher, enquanto questão de sentido e lugar potencialmente privilegiado para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante.

A escritora Martha Medeiros, portanto, além de ajudar a compor o cenário de literatura produzida por mulheres, utiliza o cotidiano feminino, e muitas vezes o próprio cotidiano, como tema para a sua escrita. É produzida, assim, a escrita de autoria feminina ao passo que também é a escrita de si e que, considerando sua difusão, funciona como a escrita de tantas outras mulheres. No tocante a essa produção, Zilda Freitas (2002, p. 119) afirma ser facilmente perceptível um considerável aumento na produção assinada por mulheres, de modo que agora o saber feminino se estrutura na própria experiência e não mais aquela assimilada do discurso masculino.

## **IMAGENS DO COTIDIANO FEMININO CONTEMPORÂNEO**

Tendo iniciado sua carreira literária a partir da década de 1980, Martha Medeiros retrata os papéis encenados pelas mulheres contemporâneas. Assim sendo, os espaços de vivências de tais

mulheres são muito mais abrangentes que os perceptíveis e citados na produção literária de outras épocas, além disso, as demandas também se mostram diferenciadas. Entram em cena as formações familiares distanciadas do modelo patriarcal, bem como as motivações que mobilizam essas formações. O desejo feminino abandona o campo do reprimido e passa a ser a base para as construções familiares, ao passo que findo esse desejo são sugeridas possibilidades de término para os envolvidos, como uma etapa da vida a ser encerrada para que melhores possam surgir.

A cronista fala da mulher contemporânea muito ocupada, cheia de compromissos e tarefas inadiáveis que se sente sufocada pelos excessos, divididas em obrigatoriedades. Mulher esta que ao mesmo tempo em que cumpre seus compromissos do trabalho, se sente forçada a dar conta do que se refere ao espaço doméstico e dar conta de si, considerando as cobranças de padrões estéticos impostos pela sociedade. Na crônica intitulada *O ônibus mágico*, ela comenta os efeitos dessas cobranças: “Todo dia a gente perde um pouquinho de nossa identidade por causa de medos padronizados e cobranças coletivas.” (MEDEIROS, 2006, p. 188)

No entanto, Martha Medeiros ao passo em que tenta se distanciar de aprisionamentos, também os repete em seu discurso, uma vez que atenta para a necessidade de que suas leitoras notem os perigos desse controle social expresso a partir de obrigatoriedades exacerbadas, mas ao mesmo tempo trata tais obrigatoriedades como um modo de vida inevitável. Do mesmo modo, critica o padrão pré-determinado para o corpo feminino ao passo que também cita seu descontentamento com questões do próprio corpo. Em relação aos padrões estéticos difundidos para o corpo feminino, a cronista critica a abertura da novela *Belíssima*, que foi apresentada pela rede Globo, de mesmo nome que sua crônica:

A modelo que aparece de maiô, sabe-se, tem um rosto perfeito: pena que pouco apareça. Em evidência, apenas aquele amontoado de ossos. Coxas quase da mesma espessura dos tornozelos e braços que mais parecem gravetos. Entre a pele e as costelas, onde foi parar o recheio? Pode ter sido apenas um problema de iluminação ou de recorte, mas o resultado que nos é mostrado há meses, todas as noites, é o raquitismo como sinônimo de perfeição estética. (MEDEIROS, 2006, p. 38)

Já em relação ao próprio corpo, e a outros que não apresentam esse padrão, a escritora fala do seu incômodo na crônica *Ela*:

Se você não tem problemas com a sua, levante as mãos para o céu e pare agora mesmo de reclamar da vida. O que são algumas dívidas para pagar, um celular sempre sem bateria, um final de semana chuvoso? Chatices, mas dá-se um jeito. Nela não. Nela não dá-se um jeito. Para eliminá-la, prometemos cortar bebidas alcoólicas, prometemos fazer mil abdominais por dia, mas ela não acusa o golpe, segue com sua saliência irritante. A gente caminha, corre, sobe escada, desce escada, vibra quando nosso intestino está bem regulado, cumprindo suas funções à perfeição, mas ela não se faz de rogada, mantém-se firme onde está. “Mantém-se firme” é força de expressão. Ela é tudo, menos firme. Você sabe de quem estou

falando. [...] Falam muito de celulite. Falam de seios, de traseiros, de rugas, de pés grandes, de falta de cintura, de caspa, de tornozelos grossos, de orelhas de abano, de narizes desproporcionais, de ombros caídos, de muita coisa caída. Temos uma possibilidade infinita de defeitos. Mas ela é que nos tira do prumo. Ela é que compromete nossa silhueta. Ela é que arrasa com a nossa elegância. Ela. Nem ousou pronunciar seu nome. Você sabe bem quem. Se não sabe, sorte sua: é porque não tem. (MEDEIROS, 2007, p. 105-106)

Em termos de relacionamento, uma temática recorrente em seus textos, a escritora aposta em inícios e términos como indicativo das múltiplas possibilidades de relacionar-se. O divórcio é bastante comentado como uma necessidade para muitas convivências, denunciando a velocidade com que os relacionamentos se firmam e se encerram atualmente. Nesse sentido, a escritora descreve o divórcio como chance de renovação, como meio de evitar que duas pessoas passem a se prejudicar, se maltratar. Isso é expresso em sua crônica intitulada *A separação como um ato de amor*:

Se o que foi bom ainda está fresquinho na memória afetiva, é mais fácil transformar o casamento numa outra relação de amor, numa relação de afastamento parcial, não total. Se o casal percebe que está caminhando para o fim, mas ainda não chegou ao momento crítico – o de tornarem-se insuportavelmente amargos –, talvez seja uma boa alternativa terminar antes de um confronto agressivo. Ganha-se tempo para reestruturar a vida e ainda preserva-se a amizade e o carinho daquele que foi tão importante. Foi, não. Ainda é. (MEDEIROS, 2006, p. 41)

E em outra crônica sobre o assunto, denominada *Ainda sobre separação*, a escritora ressalta o porquê as separações não ocorrem de um modo tranquilo:

Só não é mais civilizado porque a maioria das pessoas ainda se rende muito facilmente ao *script* que nos entregam no berço, sem bolar outras formas de ser feliz – e até outras formas de ser infeliz. Se todo mundo diz que separação é, obrigatoriamente, um colapso de consequências trágicas, lá vamos nós nos comportar como se estivéssemos vivendo as tais consequências trágicas, quando talvez estejamos apenas temendo a liberdade à qual nos desacostumamos, mais nada. [...] Melhor do que se preocupar com um *happy end* ou com um *unhappy end* é desejar que tudo tenha uma continuidade, estejamos sós ou acompanhados. (MEDEIROS, 2006, p. 43)

No que se refere à maternidade, Martha Medeiros cita comportamentos naturalizados para o ser mãe: o senso de super proteção, a dedicação, mas ressalta as individualidades que diferenciam essas mulheres. Na crônica *As supermães e as mães normais* é possível notar o relato dessa multiplicidade:

Minha mãe me emprestou um livro meses atrás. Chama-se O que aprendi com minha mãe. [...] Ainda que não seja um livro de humor, dei algumas gargalhadas por causa dele. Não durante a leitura, que é realmente tocante, há relatos que comovem. Ri muito foi ao devolver o livro para minha mãe. Ela me perguntou: “E então, o que você achou?”. Respondi: “Maravilhoso. Só que estou pensando em me atirar do décimo andar. Descobri que sou uma droga de mãe.” E ela: “Me espera que vou saltar junto”. [...] Nem mesmo as mães são todas iguais, contrariando o famoso ditado. Há as que se sacrificaram, as que abriram mão de

sua felicidade em troca da felicidade dos filhos, as que mantiveram casamentos horrorosos para não fazê-los sofrer com um lar desfacelado, as que trabalharam insanamente para não faltar nada em casa, as que sangraram por dentro e por fora para manter a família de pé. Eu não fiz nada disso. Por sorte, a vida não me exigiu nenhuma atitude sobre-humana. Fui e sigo sendo uma mãe bem normalzinha. (MEDEIROS, 2007, p. 125-126)

É possível afirmar, portanto, que tal cronista mostra a pluralidade que compõe a mulher na contemporaneidade. Contemporaneidade essa, descrita por Ivia Alves (2002) como espaço e tempo no qual a mulher escritora avança na discussão da condição feminina, passando a escavar o passado, e o seu próprio passado, formado pelo entrelaçamento da religião, do sistema patriarcal e dos modelos que o domínio da burguesia construiu para a mulher. Na contemporaneidade as produções das escritoras elegem como narradora ou protagonista a mulher, mas essa imagem da mulher não só questiona a beleza, a velhice, o amor, a repressão, mas também suas escolhas e esses são aspectos evidenciados nas crônicas de Martha Medeiros.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ivia. Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade. In: *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento (Org.). Salvador: NEIM/ UFBA, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FREITAS, Zilda de Oliveira. A literatura de autoria feminina. In: *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento (Org.). Salvador: NEIM/ UFBA, 2002.

MEDEIROS, Martha. *Doidas e santas*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe. *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1995.

RANIERI, Gustavo. *Revista Cultura entrevista Martha Medeiros*. 2013. Disponível in: <<http://www.ltm-blog.com.br>>. Acesso: outubro de 2015.